

## O Setor Elétrico no Divã <sup>(1)</sup>

Marco Delgado

A corrente filosófica do existencialismo tornou-se mais conhecida a partir das publicações do filósofo francês Jean-Paul Sartre no final da primeira metade do século passado, tendo como máxima: “a existência precede a essência”. Em apertada síntese, essa concepção reconhece que os seres humanos não têm funções pré-estabelecidas que justificam sua existência, diferentemente dos objetos e artefatos, como um martelo, que existe para facilitar a crava de pregos. Por outro lado, o indivíduo pode experimentar vivências buscando seu próprio conhecimento, escolhendo suas opções sociais, políticas, espirituais, culturais e relacionais, ou, simplesmente, viver a vida. Para tanto, pode exercer sua liberdade individual até os limites de outrem que também têm os mesmos direitos de escolha. A alvorada do existencialismo, porém, surge das reflexões do pensador dinamarquês Søren Kierkegaard, no início do século XIX. Esse escritor, de ideias avançadas para seu tempo e de sensibilidade sagaz, argumentou que a liberdade não se constituiria somente por uma concepção abstrata, mas se realizaria quando os indivíduos assumissem as responsabilidades de suas escolhas e, conseqüentemente, as respectivas angústias.

O Setor Elétrico Brasileiro, em certa forma, passa por algo próximo dessa “crise existencial”. Está motivado quando deseja e instrui ações para a abertura do mercado livre de energia, mas sente-se angustiado por ainda buscar formas de alocar adequadamente riscos e custos entre os agentes e os ambientes de comercialização de energia. Entre essas inquietudes, talvez as mais emblemáticas sejam: Qual o arranjo técnico e econômico mais eficaz para garantir a confiabilidade e a adequabilidade do suprimento de energia, que é um bem público de interesse de todos os consumidores, de ambos os ambientes de comercialização? Como operar os sistemas elétricos combinando eficientemente os benefícios ambientais das fontes renováveis e dos recursos energéticos distribuídos com as limitações dos seus respectivos atributos funcionais? Quando realizar uma comunicação responsável, fundamentada e clara para que a sociedade saiba que diversas políticas públicas meritórias de isenções e subsídios tarifários já cumpriram sua missão e, por isso, podem seguir, sem riscos de retrocessos, para conteúdo dos livros de história com louvores e honrarias?

Se a angústia, segundo Kierkegaard, é a vertigem da liberdade, podemos contextualizar ao Setor Elétrico Brasileiro que a retidão na alocação de custos e riscos é o conjunto de alambrados que tornará o percurso seguro para que o mercado livre de energia e os recursos energéticos distribuídos competitivos possam trazer efetivamente o que se espera: mais diversidade e inovação nos modelos de negócios. Dessa forma, propiciar progresso social e econômico para nossa sociedade, harmonizado com a preservação ambiental do nosso planeta.

**Marco Delgado é conselheiro da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica**

(1) Artigo publicado na CCEE. Disponível em:

[https://www.ccee.org.br/portal/faces/pages\\_publico/noticias-opiniao/noticias/noticialeitura?contentid=CCEE\\_656575&\\_adf.ctrl-state=v0dgpfdl3\\_5&\\_afLoop=359084236723260](https://www.ccee.org.br/portal/faces/pages_publico/noticias-opiniao/noticias/noticialeitura?contentid=CCEE_656575&_adf.ctrl-state=v0dgpfdl3_5&_afLoop=359084236723260). Acesso em 21 de agosto de 2020.